

Texto:

"A 'odisseia' de um Pelotão de Sapadores no norte de Moçambique"

José Vítor Firmino Baptista, autor e protagonista

Pelotão de Sapadores da Companhia de Comando e Serviços, do Batalhão de Caçadores 2837

---

1ª parte [cfr email recebido pelo UTW às 23:25 de 26Mai2012]

Final de Fevereiro de 1968, nordeste de Moçambique.

Batalhão de Caçadores 2837 – formado por quatro companhias, três delas operacionais –, estacionado no distrito do Cabo Delgado.

A Companhia de Comando e Serviços (CCS), juntamente com o comando do Batalhão, instalou-se na vila de Macomia, um ponto para apoio logístico às companhias operacionais, instaladas no Monte das Oliveiras (CCac2321), Mataca (CCac2322) e Chai (CCac2323); e também na Cruz Alta (Cart2329), Quiterajo (CArt1627 e CArt2386) e Rucia (2ª/BCac20). O Pelotão de Sapadores (PelSap), fazia parte da CCS.

Na 2ªfeira 04 de Março de 1968, o Posto Avançado do Coveque, instalado na Serra Mapé, às 5 horas da manhã foi atacado pela FRELIMO, de tal forma que as duas secções da CCac2321, nossos camaradas "checas" (inexperientes) nestas andanças, não conseguiram aguentar a pressão e acabaram por fugir, deixando para trás algum material, sete mortos e dois camaradas feridos, capturados pelo inimigo [nota 1]. Após o Posto do Coveque ter sido reocupado pelas NT, [nota 2] coube-nos a missão de o armadilhar, tendo sido para o efeito convocados quatro sapadores: três primeiros-cabos comandados por um furriel miliciano, o António Luís Nunes; que acabou perdendo a vida no dia 11 de Março, após concluídos os trabalhos de armadilhagem.

Na nossa CCS integrava-se um PelSap; eu era o 1º Cabo Baptista. Éramos convocados para detecção de minas nas picadas, quando se faziam as colunas de reabastecimento a partir de Macomia para o Monte das Oliveiras, Mataca, Chai, Quiterajo e Rucia. Estas companhias eram as mais fustigadas, por emboscadas e ataques aos quartelamentos.

As picadas, essas eram um tormento com a época das chuvas: o "matope" – terra bastante argilosa onde as viaturas se atolavam –, por vezes criava situações de tal modo complicadas, que muitas vezes forçava o pessoal a dormir à chuva junto das viaturas e em condições desagradáveis, na impossibilidade de continuar viagem.

Face ao perigo de deflagração de minas antipessoal e anticarro, o cansaço era evidente. Ao fim de ano e meio sempre no teatro-de-guerra, a rendição era o momento mais esperado por nós.

A 19 de Setembro de 1969 fez-se a rendição do Batalhão por outro (BCac2881), vindo de Portugal. Todos alegres, convencidos do dever cumprido mas com alguma mistura de tristeza, pela perda de alguns camaradas, quer em combate, em acidentes rodoviários ou com armas. O adeus a Macomia foi um alívio, mas algum pessoal nosso ainda ficou para a passagem do testemunho, assim como dar conhecimentos e comportamentos em caso de ataques e emboscadas, por nós já vividas.

Após rendido o batalhão, o nosso destino foi a vila de Ribaué, a 800 km sudoeste de Macomia e 180 km ocidente de Nampula. Aqui foi-nos acometida a missão de percorrer aldeamentos com pessoal para-médico, a fim de prestar assistência às populações, tal como a distribuição de medicamentos contra várias doenças, como por exemplo a malária. Nesta região, tivemos uma boa recepção por parte da população.

No dia 28 de Novembro de 1969 o Tenente-coronel Galvão de Figueiredo, nosso Comandante de Batalhão, ofereceu os serviços do Pelotão de Sapadores para uma missão no distrito de Tete, entretanto assediado pela FRELIMO com implantação de minas anticarro e antipessoal.

Do aeródromo de Nampula fomos em Nordatlas da FAP para o novo destino. Após 2 horas e meia de vôo, chegámos ao Chingodzi e dali para a cidade de Tete transportados em viaturas militares, após percorrer uns 10 km e fazer a travessia do Zambeze em batelões, o que demorou algum tempo.

(continua)

---

[nota1] mortos: soldados António Jacinto Machaiela, António de Jesus Peixoto e Osvaldo Costa Mendes; e quatro cipaios; feridos e capturados: soldados João Borges Gomes e Salvador Samossone Nhamtumbo

[nota 2] para mais detalhes, ver >

[http://ultramar.terraweb.biz/Imagens/mocambique\\_janteroferreira\\_coveque.htm](http://ultramar.terraweb.biz/Imagens/mocambique_janteroferreira_coveque.htm)

---

2ª parte [cfr email recebido pelo UTW às 18:57 de 30Mai2012]

Após a travessia do rio Zambeze, já pela tarde de 28Nov69 seguimos para o aquartelamento que aguardava a chegada do nosso Pelotão oriundo de Nampula. Mas somos informados pelo oficial-de-dia, que a sua unidade estava superlotada e não havia casernas disponíveis, o que nos forçou a dormir ao relento e no chão de cimento, encostados às paredes das casernas: aqui fizemos os nossos "aposentos", guardámos mochilas, armamento e os nossos pertences; as refeições foram feitas no refeitório e quanto a banhos, nos balneários das casernas.

Na área de Tete, o mês de Novembro é considerado o verão e tempo de chuvas, com temperaturas a oscilar entre os 30°C e os 50°C, calor abrasador e sufocante; mas sem chuva durante os dias da nossa estadia.

Enquanto aguardávamos pela coluna militar – que iria ao Fingoé fazer o reabastecimento do BCac2863 (e respectivas CCS, CCac2470 e CCac2472, tendo esta em 18Nov69 sofrido quatro baixas mortais por deflagração de minas) –, aproveitámos para conhecer a cidade de Tete.

Vimos a velha fortaleza, perto da margem sul do Zambeze, que estava ocupada pela Companhia de Fuzileiros. Percorremos a cidade a pé – e a contemplar as belas e lindas moças mestiças, indianas, brancas, negras –, mas éramos confrontados com a sede que obrigava a parar nos bares, para refrescarmos com "Laurentinas", "2M" e "Manicas", pois o calor era intenso. Um dia quando passeava pela cidade, tive a oportunidade de conhecer a "Metalúrgica de Tete" (de António Pires), dirigi-me aos escritórios e fui recebido por um engenheiro, ao qual falei nas minhas competências profissionais como serralheiro e fui convidado a fazer uns testes: foi aqui que ganhei alguns escudos e fizeram-me o convite para trabalhar nesta empresa após a minha comissão militar, que estava a chegar ao fim. Na véspera da partida, o nosso alferes Martins reuniu todos e informou que iríamos integrar a coluna da intendência rumo ao Fingoé, onde uma outra coluna nos aguardaria para seguirmos com o destino à Cantina do Oliveira, desde final de Ago69 sede da CArt2452 que ali tinha construído um aquartelamento.

No dia seguinte pela manhã cedo pegámos na trouxa e na canhota, cinturões de munições e granadas, e fomos distribuídos pelas vinte viaturas que compunham a coluna militar e civil. Nas picadas de terra batida, o movimento das viaturas levantava nuvens de poeira e nem víamos a viatura da frente.

Percorridos cerca de 220 km, chegámos à Chicoa e iniciámos num pequeno batelão a travessia do Zambeze, a qual demorou algumas horas debaixo de sol escaldante: a temperatura rondava os 45°C e a sede apertava, tendo como única alternativa a água do rio onde, apesar de um pouco barrenta, mergulhámos os cantis com um lenço no gargalo para filtrar a água ou, quem os tinha, adicionava os comprimidos.

Entretanto alguém descobriu que havia cerveja nos camiões, começaram a saquear e fui contemplado com uma: mas era mais caldo que outra coisa.

Completada a travessia da coluna, começou nova dura e penosa etapa de mais 100 km, num itinerário perigoso entre cordilheira de montanhas, obrigando-nos a reforçar todos os cuidados para que não fôssemos surpreendidos. O calor também era nosso inimigo, mas fomos compensados com chuva abundante e que deu origem a pequenos riachos de água límpida, que corriam ao longo da picada: aproveitámos para encher os cantis. A partir dali iniciou-se o percurso a pé, com vista à detecção de minas ou emboscadas. Quando começou a escurecer, o comando da coluna deu ordem para parar: o pessoal comeu a "ração 30" e acomodou-se da melhor maneira a se proteger, pois ali ficaríamos a pernoitar. No dia seguinte, prosseguiríamos rumo ao Fingoé.

(continua)

3ª parte [cfr email recebido pelo UTW às 02:01 de 16Jun2012]

Tal como previsto, ao raiar do dia prosseguimos viagem e durante a manhã chegámos ao aquartelamento do BCac2863 no Fingoé, onde nos aguardava uma coluna formada por um pelotão da CArt2452, para nos transportar até à Cantina do Oliveira e também a um outro pelotão de sapadores, oriundos do recrutamento provincial.

O alferes miliciano Martins, comandante do nosso pelotão, após transpôr o cavalo-de-frisa procedeu à apresentação ao comandante capitão miliciano José Henrique Dias dos Santos, o qual informou não haver lugar para nós em nenhuma das quatro casernas, construídas em estrutura metálica com chapa zincada. Relativamente à segurança era praticamente nula, pois no perímetro do aquartelamento apenas existia, como protecção, uma paliçada com troncos de árvores, ao longo da qual – e de acordo com todos os camaradas de pelotão –, montámos as nossas tendas.

No dia seguinte o pelotão reuniu e, seguindo ordens do alferes Martins e dos furriéis Anastácio e Caetano, iniciámos a construção de abrigos com árvores cortadas nas imediações, em local destinado à futura pista de aterragem prevista para receber aviões de pequeno porte, em apoio àquela posição de quadrícula do Exército.

Passados uns cinco dias, já tínhamos os abrigos construídos.

Entretanto, durante uma noite de que não recordo a data, um sentinela abriu fogo e prontamente entrámos em alerta: eu e os furriéis do nosso pelotão, percorremos todos os postos de sentinela para nos inteirmos do que se passava; a noite estava calma e escura como breu e no posto do lado nascente, o sentinela que havia feito a rendição ouviu um ruído e abriu fogo de rajada, mas nada mais se ouviu e aquela noite decorreu sem qualquer outro incidente.

Ao amanhecer, saiu o piquete de intervenção e durante a patrulha de reconhecimento apenas encontrou morto um porco do mato. Quanto ao nosso pelotão de sapadores, sob comando do alferes Martins, prosseguiu o desbaste de árvores e arbustos nas cercanias do aquartelamento da CArt2452, a qual em determinado momento recebeu, do comando de sector, ordens para integrar uma operação helitransportada.

Logo pela manhã de 18Dez69, uma esquadrilha de helis levantou com a maioria da companhia, rumo à região fronteira com a Zâmbia.

Por volta das 20:00, encontrando-se o contingente militar da Cantina do Oliveira restringido a dois pelotões de sapadores, operadores de rádio e cozinheiros - além do pessoal civil ali colocado em apoio às obras daquela subunidade -, um grupo da Frelimo iniciou junto à picada do lado poente do aquartelamento, uma flagelação com um morteiro 82mm, um canhão sem-recuo e armas ligeiras: à primeira morteirada, caída frente às casernas dos civis, a que seguiram rebentamentos de granadas, estava eu na tenda à luz da candeia a escrever um aerograma; só tive tempo de apagar a luz, pegar na G-3 e no cinturão das munições, e correr para o abrigo.

Começámos por fazer pequenas e curtas rajadas, na direcção de proveniência do fogo inimigo, ao mesmo tempo que por cima das nossas cabeças ouvíamos o assobiar de granadas, que iam rebentar longe dali.

Entretanto as munições nos abrigos começaram a escassear, forçando-nos a correr debaixo de fogo para o paiol e dali regressando aos abrigos com cunhetes de munições, enquanto os furriéis Anastácio e Caetano abasteciam o morteiro 60mm no abrigo do alferes Martins, que pouco depois logrou acertar na posição do morteiro inimigo, cujos rebentamentos no nosso aquartelamento já tinham causado ferimentos a um civil e a um cabo sapador do batalhão do Fingoé.

Enquanto isso, o operador-rádio da CArt2452 havia contactado o BCac2863 e pouco depois surgiram helicópteros que, após varrer à metralhadora as cercanias, procederam à evacuação dos feridos com destino ao hospital de Tete.

(continua)

-----

4ª parte [cfr email recebido pelo UTW às 16:41 de 21Jun2012]

Depois de uma noite mal dormida, o alferes Martins – preocupado com a situação –, reuniu o pessoal e formou um grupo para avaliar os estragos.

Mesmo em frente à porta de uma das casernas, encontramos quatro civis mortos e as paredes esburacadas por estilhaços do fogo inimigo; e também algumas granadas meio enterradas e não deflagradas, sobre as quais executámos procedimentos de levantamento e consequente destruição em segurança.

Entretanto os efectivos da CArt2452 que haviam saído em operação, receberam ordens de interrupção da actividade no mato e durante a tarde começaram a chegar, sob protecção de uma esquadrilha de helicópteros.

Enquanto isso, no Fingoé o comando do BCac2863 era informado de que o ataque havia sido repellido pelo nosso Pelotão de Sapadores, onde o cansaço geral chegou a tal ponto que quase dormíamos em pé.

A determinado momento o soldado Costa, do nosso pelotão, convencido de que no posto de sentinela sudoeste não tinham respondido ao ataque inimigo, dirigiu-se àquele abrigo e pegou na metralhadora-pesada MG, limpou-a e fez alguns disparos: o comandante da companhia, alarmado pelo fogachal, logo se dirigiu ao local e perguntou-lhe o que acontecera, recebendo como resposta que «era para saber se estava funcional».

Passados poucos dias, aquele capitão começou a fazer os preparativos para a Consoada de 1969 e – sabendo que iria sair do Fingoé uma coluna com destino a Tete –, resolveu enviar também uma viatura da CArt2452, para trazer reabastecimentos de bacalhau, batatas, vinhos, bolos, vinho do Porto, whiskies, enfim um pouco de tudo quanto era necessário à festa natalícia e do fim-de-ano.

(continua)

5ª parte [cfr email recebido pelo UTW às 18:35 de 20Set2012]

Na data prevista para os festejos natalícios, a coluna de reabastecimento não regressou a tempo.

Chegados ao dia da consoada - véspera do Natal de 1969 –, o cozinheiro fritou atum que serviu com arroz cozido: na hora do almoço, o nosso pelotão, assim que recebeu aquela refeição, mandou os pratos ao chão e perguntou ao capitão se aquilo era comida, tendo aquele ameaçado com um auto disciplinar. Mas ninguém queria saber de nada, tanto fazia como desfazia: a comissão estava no fim, sem dinheiro nem tabaco ou sequer uma cerveja para beber; e também não tínhamos recebido correio, de familiares ou de madrinhas-de-guerra, ou das esposas.

Quando a coluna finalmente regressou, atrasada por não terem conseguido arranjar alguns produtos necessários para a consoada, ficámos contentes a pensar que íamos receber correio. Logo fomos informados que para o nosso pelotão nada havia. Então o alferes Martins procurou obter no comando da CArt2452 algum dinheiro, a título de empréstimo e garantia do nosso BCac2837 (sediado no Ribaué), mas foi-lhe negado tal propósito.

Na tarde de 31 de Dezembro, o comandante da companhia mandou instalar no meio da parada uma tenda, com mesas e cadeiras, para ser festejada a passagem do ano. Porém, após jantar, o pelotão foi mandado regressar aos abrigos e por volta das 23 horas o furriel Caetano, tendo convocado algum pessoal para o seu abrigo, do lado ocidental e perto da entrada principal, aliciou o soldado Costa a que deflagrasse à meia-noite, uma granada.

Enquanto na tenda permaneciam o comandante da CArt2452, assim como os alferes, sargentos, furriéis e demais pessoal daquela subunidade que festejavam a passagem do ano, o soldado Costa lançou para o exterior da paliçada uma granada ofensiva, cuja explosão provocou a imediata retirada de todos para os abrigos e onde abriram intenso fogachal sobre supostos atacantes.

Com o estrondo da granada acordei sobressaltado e, ao som das rajadas, empunhei a G-3 mas, apercebendo-me que não havia ataque algum, comecei a gritar "alto ao fogo"...

Entretanto o furriel Caetano – acompanhado pelo soldado Costa, o Pacheco e um outro cabo –, chegou e disse "vamos às compras!", após o que todos corremos para a tenda deserta e dali regressámos aos nossos abrigos, com tudo quanto pudemos carregar: garrafas de whisky, cerveja, champanhe, vinho do porto, vinho verde e tinto, bolos, etc.

Na manhã seguinte, com as desconfianças a recair sobre o Pelotão de Sapadores, à hora do café o sargento-de-dia aliciava com duas grades de cerveja, quem denunciasse "o autor desta brincadeira de mau gosto".

(continua)